



VOLUMEN 2 NÚMERO 2 2014

Revista Internacional del

Libro, Digitalización y Bibliotecas

A relevância do dossiê arquivístico em
edições digitais de documentos de
acervos de escritores

PATRÍCIO NUNES BARREIROS

A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores

Patrício Nunes Barreiros, Universidade Estadual de Feira de Santana/Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Resumo: Nos acervos de escritores encontram-se diversos tipos de documentos (manuscritos, rascunhos, livros, fotografias, cartas, postais etc.) que se relacionam entre si, constituindo uma teia de significados relevantes para o entendimento das obras. Nas edições impressas convencionais dificilmente consegue-se manter as ligações entre o texto editado e a variedade de paratextos existentes nos acervos. As edições digitais permitem estabelecer ligações dinâmicas entre o texto editado e os documentos, potencializando o sentido da obra. Nesse artigo, apresentam-se os percursos teórico-metodológicos empregados na constituição do dossiê arquivístico da edição digital dos panfletos de Eulálio Motta, destacando a relevância desse novo modelo de edição para elucidar os códigos linguísticos, contextuais e bibliográficos dos textos. A pesquisa inscreve-se na área da Filologia Textual e da Memória Literária.

Palavras-chave: edição digital, dossiê arquivístico, acervo de escritores

Abstract: In the archives of writers are found many types of documents (manuscripts, drafts, books, photographs, letters, postcards etc.) that relate to each other, composing a network of meanings which are relevant for the understanding of the literary work. In the printed conventional editions one can hardly keep the dynamic connections between the edited text and the variety of paratexts in the archives. The digital editions allow the establishment of dynamic connections between the edited texts and the documents, potentializing the meaning of the work. This article presents the theoretical and methodological pathways used in the construction of the archival dossier of the digital edition of Eulálio Motta's pamphlets, emphasizing the relevance of this new model of edition to elucidate the linguistic, contextual and bibliographic codes of texts. The research is inscribed in the field of Textual Philology and Literary Memory.

Keywords: Digital Edition, Archival Dossier, Writer's Archives

O acervo de Eulálio Motta

Eulálio Motta é um escritor brasileiro, natural de Mundo Novo, uma pequena cidade do interior do estado da Bahia (1907-1988). Seu acervo pessoal foi constituído por ele mesmo entre 1923 e 1988 e se compõe de materiais heterogêneos, incluindo rascunhos e esboços de obras inacabadas, manuscritos e datiloscritos de textos éditos e inéditos, diários íntimos, cadernos de anotações diversas, correspondências, fotografias, documentos de identificação, diplomas, esboços de projetos editoriais, coleções de jornais e panfletos. Pela natureza da documentação, esse acervo pode ser compreendido como um projeto autobiográfico do escritor.

O exame do acervo e da produção intelectual de Eulálio Motta mostra que o escritor consultava constantemente o material arquivado, utilizando os documentos como fonte para a elaboração de novos textos. Isso indica que o acervo tinha uma funcionalidade prática, não se tratava apenas de uma coleção de lembranças do passado. Nesse sentido, o acervo mantém uma estrita relação com a atividade literária do escritor e para compreender os textos produzidos por ele se faz necessário uma análise criteriosa dessa documentação.

O acervo pessoal de Eulálio Motta pode ser entendido como uma modalidade de produção do eu, capaz de esboçar os itinerários daquele que se arquivou, configurando-se como lugar privilegiado de suas memórias. Esse acervo revela as identidades do escritor e esboça também o quadro sócio-histórico das práticas culturais de leitura e escrita de um sujeito que atuou num tempo e lugar específicos.

Do acervo do escritor à escrita de si

Há aspectos da vida e da obra dos escritores que somente podem ser revelados a partir da análise da documentação dos seus acervos pessoais. As notas marginais, cartas, diários, fotografias, postais, objetos, coleções etc. contêm informações que não aparecem nas biografias convencionais e os esboços e rascunhos mostram aspectos das obras que o leitor não tem acesso nas edições impressas. Segundo Zilberman (2009, p. 104), os acervos de escritores são hipóteses de testemunhos, jamais arquivos fechados capazes de paralisar a escrita e embalsamar autores.

Os acervos promovem dinamismo às obras e à vida dos autores, eles apontam novos caminhos, criam impasses, provocam incertezas. Os escritores que têm seus acervos abertos aos pesquisadores gozam do privilégio de ter sua obra ampliada, renovada, sempre aberta a novas possibilidades.

Quando os acervos de escritores são constituídos pelos seus titulares, eles correspondem a uma forma de construção do eu, de escrita de si. Isso acontece porque o arquivamento não se dá de modo aleatório, os documentos são escolhidos mediante critérios de seleção. Nesses casos, o acervo reúne a fração da vida que se deseja preservar e tornar conhecida, aquilo que não é digno de ser lembrado geralmente é excluído.

É comum encontrar nos acervos pessoais álbuns incompletos, fotografias recortadas, páginas de diários arrancadas, nomes riscados. São tentativas de eliminar as marcas de determinados acontecimentos, expressando a intenção de construir uma versão da história. Isso evidencia o desejo de construção de uma imagem de si.

Nas sociedades letradas, é comum o acúmulo de papéis

[...] o anormal é o sem papel. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle do gráfico. [...] a escrita está em toda parte: para existir, é preciso inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias. [...] Passamos assim o tempo todo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós e às vezes para os outros. [...] O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida (Artières, 1998, pp. 11-12).

Registrar o cotidiano através de fotografias, anotações e do arquivamento de diversos tipos de documentos (iconográficos e textuais) tornou-se uma injunção social. Essa prática não corresponde apenas a um meio de preservar a memória, ela é essencial também para garantir direitos civis e políticos. A necessidade de arquivar contribuiu para que os espaços privados das casas e dos gabinetes de trabalhos fossem transformados em “teatros da memória”, nos quais se materializam os acervos pessoais e se evidenciam as histórias dos indivíduos, de seus familiares e dos grupos a que pertencem (Gomes, 2004).

Os acervos pessoais estão necessariamente vinculados às experiências vividas, mas eles não encerram a realidade absoluta dos acontecimentos. Neles manifestam-se os fragmentos das experiências e por isso os documentos dos acervos precisam ser interpretados, lidos. Quando um indivíduo propõe-se a escrever suas memórias, um diário íntimo, uma autobiografia ou resolve colecionar fotografias, guardar papéis, rascunhos, recortes de jornais, cartas etc., ele está deliberadamente compondo uma imagem de si que pretende conservar para a posteridade. Essa prática não é um ato inocente, muito pelo contrário, trata-se de uma forma de manipular a realidade, tendo em vista um futuro leitor, evidenciando o desejo de ser lembrado (Fraiz, 1998).

O volume de documentos acumulados ao longo da vida corresponde à memória selecionada, manipulada em função de interesses específicos. Segundo Luciana Heymann (2005, p. 5), não se deve apenas analisar as histórias que os acervos contam, mas investigar as histórias que eles encerram em si mesmos, suas dimensões textuais e simbólicas, seu significado e lugar de encontro entre culturas e saberes. Num acervo pessoal é comum encontrar uma grande variedade de documentos relacionados à vida íntima, intelectual, profissional, política e cultural. Embora cada documento tenha sua própria história e mantenha um tipo específico de relação com o titular, é preciso considerar o acervo em sua totalidade.

Para Philippe Artières (1998, p. 11), “[...] arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” Independente da condição social e do ofício do sujeito, os documentos que compõem os acervos pessoais trazem sempre as marcas da subjetividade e “[...]”

uma intenção autobiográfica” (Artières, 1998, p. 11). Por isso, os acervos pessoais podem ser considerados como uma forma de escrita de si.

Os acervos de escritores como objeto de estudo e sua problemática

O interesse pelos acervos pessoais ganhou especial impulso a partir das mudanças epistemológicas, ocorridas no decorrer do século XX, no âmbito das ciências humanas. A história, por exemplo, redimensionou seus paradigmas, interessando-se por toda a atividade humana. Os historiadores passaram a valorizar o cotidiano e o sujeito ordinário como protagonista da história (Burke, 1992). Essa virada epistemológica propiciou a revisão do conceito de cultura e identidade, estreitando cada vez mais o contato entre disciplinas como história, sociologia, antropologia e literatura. Isso criou um clima favorável às pesquisas em torno dos acervos de escritores, possibilitando uma nova configuração da história literária e do cânone.

No âmbito literário, os manuscritos conservados pelos escritores passaram a interessar sobremaneira aos estudiosos da crítica genética, que valorizam os rascunhos, os projetos inacabados, o texto em seu processo de construção. As correspondências, os livros das bibliotecas particulares com suas marginálias e os variados documentos preservados pelos escritores têm redimensionado a crítica literária que explora as potencialidades dos acervos pessoais dos escritores, revisitando a sua obra, ampliando a sua leitura.

Para Bordini (2009, p. 46), os acervos de escritores proporcionam dados documentais que ultrapassam as abordagens epistemológicas atuais da literatura, descortinando todo um novo universo de pesquisa, mais amplo e rico em possibilidades.

Os estudos de acervos dos escritores não se limitam apenas às atividades literárias de seus titulares. Muitos escritores também foram intelectuais múltiplos que atuaram em diversas áreas das artes e das ciências ou desenvolveram atividades políticas de relevância e, por isso, tornam-se objetos de estudo da crítica biográfica, da história, das ciências políticas etc. Do mesmo modo, interessa aos historiadores, sociólogos, etnólogos, antropólogos e filólogos os acervos de pessoas comuns, sem destaque social ou intelectual, mas que acumularam documentos (textuais, iconográficos e outros artefatos) capazes de revelar a história de vida do sujeito, obras literárias e as práticas sócio-culturais de uma época e de lugares específicos.

As primeiras iniciativas em torno da preservação e estudo dos acervos de escritores, no Brasil, tiveram início tardiamente. Ainda que esse assunto tenha começado a ventilar no meio intelectual desde a década de 1930, somente em 1962 foi criado o primeiro centro de documentação destinado a preservar a memória dos escritores - o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Seguindo-se a essa iniciativa, outros importantes centros foram criados em algumas regiões do país, a maioria deles, ligados a Universidades, a Programas de Pós-Graduação e a Fundações.

A experiência acumulada por esses Centros de Pesquisas são de fundamental importância porque, ao longo do tempo, desenvolveram metodologias de trabalho e aprofundaram questões teóricas¹ que servem de referências para as novas pesquisas que estão sendo feitas no país. Dentre essas contribuições, destaca-se o conceito de acervo adotado pelo Grupo de Pesquisa de Escritores Sulinos.

De acordo com Bordini (2001, p. 31), “[...] a noção de acervos literários, como empregada atualmente, se contrapõe a essa figura do museu expositório e também à do arquivo fechado e de preferência indepassável”. Ainda segundo Bordini (2009), é preferível utilizar o termo acervo em detrimento de arquivo porque o primeiro

[...] especifica a qualidade de um legado a ser manejado noutra ordem de interesses: o de ser constituído, não por objetos de exposição ou de consulta esporádica, mas por fontes primárias para o conhecimento literário, que atestem ou promovam, na sua multidisciplinaridade, achados ou afirmações em sua concretude. Destaque-se que a investigação de acervos alarga o conceito de “obra” chamando a atenção para sua materialidade. (Bordini, 2009, pp. 55-56)

¹ Pode-se citar como exemplo publicações do Centro de Pesquisa de Acervos Literários da PUCRS e dos pesquisadores ligados a este centro.

Esse modelo de acervo literário diferencia-se dos arquivos tradicionais², sobretudo na maneira como ambos são concebidos. Em sua maioria, os arquivos surgem e são organizados para possibilitarem o acesso dos pesquisadores que, num segundo momento, interessam-se pelos documentos. Por sua vez, os acervos literários, como Bordini (2009) os compreende, surgem em função dos interesses específicos de pesquisas, sendo organizados pelos próprios pesquisadores.

A maior parte dos acervos de escritores que existem hoje no Brasil foram organizados a partir da iniciativa de pesquisadores pioneiros que, ao se interessarem por investigações baseadas em fontes primárias, foram ao encontro dos espólios dos escritores, iniciando um trabalho de garimpagem, desvendando os meandros da documentação, tornando-se especialistas em determinados autores e seus acervos.

Em alguns casos, após ganharem a confiança dos familiares, os pesquisadores agenciam o processo de doação ou consignação dos acervos que passam à custódia de Centros de Pesquisas, Fundações ou Universidades. Embora, nem sempre esse trâmite aconteça porque, muitas vezes, ou as famílias não concordam com a abertura dos acervos, ou as instituições não se interessam pela documentação, ou ainda pela inexistência de centros de pesquisas constituídos e habilitados a receberem os acervos.

Quando se tratam dos acervos de escritores já conhecidos e difundidos no cenário nacional, não é tão difícil encontrar uma instituição que se disponha a recebê-lo, até mesmo pelo valor comercial de suas obras. Mas, as pesquisas em acervos de escritores não se restringem apenas ao cânone literário, pois diversos escritores não canônicos têm merecido a atenção de pesquisadores interessados em estudá-los. Essas pesquisas ganham especial relevância quando colocam em circulação, através de edições e estudos, obras inéditas ou que já estão fora de circulação, inserindo-as no universo da leitura, entregando-as aos leitores, cumprindo assim o seu destino.

O interesse em estudar a obra de Eulálio Motta motivou a busca por fontes primárias, propiciando o encontro com os documentos que hoje integram o seu acervo. Antes da “descoberta” desse acervo, as únicas referências que se tinha sobre o escritor eram pequenos comentários em livros sobre a história da cidade de Mundo Novo, nos quais ele figura como poeta e ícone da vida cultural, e alguns raros exemplares de seus livros preservados em bibliotecas particulares. A documentação do acervo revelou o perfil intelectual, político e literário de Eulálio Motta.

As pessoas da comunidade mundonovense e os familiares que conviveram com o escritor lembram-se dele como um homem de grande talento para a escrita, polêmico ao defender suas ideias. De modo geral, recordam também alguns episódios da sua vida, tais como a amizade com Jorge Amado, a paixão pela jovem Edy, o caloroso debate sobre a emancipação de Piritiba³ e a publicação de panfletos polêmicos. Para além dessas informações, a vida e a obra de Eulálio Motta estavam condenadas ao esquecimento. Por isso, o seu acervo ganha especial relevância, permitindo reencenar a vida e a obra do escritor através dos vestígios que ele escolheu para representá-lo.

Os acervos de escritores no contexto das hiperedições

A edição de um texto não é uma atividade mecânica. Por mais que se coloque em prática um conjunto de orientações sistematizadas, os resultados dependem sempre de algumas variáveis que estão relacionadas: a) às características do texto que se pretende editar; b) à finalidade da edição; c) aos princípios que orientam a prática do editor; d) ao tipo de edição; e) aos critérios adotados; f) à tecnologia utilizada; g) ao tempo e ao orçamento disponível para o projeto.

Isso acontece porque uma edição científica não é uma mera reprodução do texto, trata-se de uma forma única de organizá-lo em função de possíveis leitores. Assim, o editor pode focar em determinados aspectos do texto editado e conduzir seu trabalho pautando-se em princípios e orientações que imprimem certa identidade à edição. Segundo Shillingsburg:

² Entende-se aqui como arquivo tradicional aquele entregue a uma instituição que o organiza a partir dos métodos arquivísticos tradicionais, disponibilizando-o aos pesquisadores.

³ Piritiba é uma cidade que se originou de um distrito de Mundo Novo. A emancipação de Piritiba e seu desmembramento do município de Mundo Novo foi bastante polêmica.

We have, then, several ways to proceed in preparing a scholarly edition—according to one of the live formal orientations with, [...]. Regardless of orientation, the editor should want to present the evidence for the whole work [...]. Aided by computers, editors can provide editions that are genuinely rich resources [...] regardless of the editor's formal orientation⁴. (Shillingsburg, 2004, p. 133)

Não há dúvidas de que os computadores estão renovando as antigas práticas de edição e criando novas possibilidades para o universo da crítica textual. Através de edições digitais, pode-se empreender um trabalho filológico que valorize os códigos contextuais, linguísticos e bibliográficos dos textos, cruzando diferentes interesses e procedimentos de edição.

Para Richard Finneran,

[...] the availability of hypermedia technology for the personal computer has coincided with a fundamental shift in textual theory, away from the notion of a single text “definitive edition” and toward a recognition of both the integrity of discrete versions of a work and the importance of nonverbal elements, particularly the “bibliographical codes” described by Jerome McGann and the “contextual codes” noted by George Bornstein, among others. [...] the present challenge is to discover the full potential of the new medium, to produce editions or, if you prefer, “archives”—that transcend the inherent limitations of the printed book [...]⁵. (Finneran, 1996, prefácio p. X)

No âmbito da edição de textos, existem algumas abordagens que somente encontram meios de se concretizarem através dos recursos que a informática coloca à disposição dos filólogos. Um caso concreto é a edição dos panfletos de Eulálio Motta. Os textos que integram o corpus dessa edição fazem parte do acervo pessoal do escritor e apresentam relações diversas com outros documentos arquivados por ele: esboços, notas de leituras, fotografias, cartas, cartões, livros, jornais, cadernos, diários, etc.

Eulálio Motta publicou uma grande quantidade de panfletos, mas, por motivos desconhecidos, apenas 57 desses textos foram preservados em seu acervo. Desse modo, esses panfletos integram uma coleção de textos produzidos por Eulálio Motta e conservados por ele. Os panfletos correspondem a um tipo de literatura efêmera que tem uma relação com o contexto histórico e as circunstâncias em que foram produzidos, distribuídos e lidos. Além de manterem uma estrita afinidade com a história de vida do panfletário. Para evidenciar os sentidos desses textos, faz-se necessário estabelecer relações com o acervo, através da constituição de dossiês arquivísticos integrando diversos documentos paratextuais à edição dos panfletos.

Os documentos dos acervos de escritores não são peças desconectadas, sem relações entre si. Na maioria das vezes, eles apresentam conexões e constituem redes de informações que podem irradiar em várias direções e campos de investigação. Ao isolar um documento do acervo, perdem-se os fios que constroem os seus sentidos. Por conta disso, os panfletos de Eulálio Motta exigem um modelo de edição que mantenha o texto num circuito de relações com a documentação do acervo. Assim, esboçou-se um projeto de edição hipermediática com o objetivo de relacionar os panfletos aos documentos do acervo, evidenciando os seus códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais.

A hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta foi desenvolvida em formato de arquivo digital, disponibilizado para o acesso gratuito via Web (www.eulaliomotta.com.br), e se destina a todo tipo de usuário que se interessar pelo conteúdo da página. As informações desse site foram categorizadas por níveis de interesses, a partir da constituição de menus. Desse modo, os usuários poderão ler os panfletos, explorar os fac-símiles e fotografias através de zooms, verificar o conteúdo de manuscritos e ter acesso às transcrições dos textos de modo simultâneo. Além disso, disponibilizam-se informações

⁴ “Temos, então, várias formas de proceder na elaboração de uma edição erudita de acordo com uma das orientações formais existentes [...]. Ajudados por computadores, os editores podem oferecer edições como verdadeiros e ricos recursos [...], independentemente da orientação formal do editor”.

⁵ “[...] a disponibilidade de tecnologia de hiperídia para o computador pessoal coincidiu com uma mudança fundamental na teoria textual, longe da noção de um único texto “edição definitiva” e em direção a um reconhecimento da integridade de versões discretas de uma obra e a importância dos elementos não verbais, particularmente os “códigos bibliográficos” descritos por Jerome McGann e os “códigos contextual” observado por George Bornstein, entre outros. Uma edição tradicional impressa não consegue acomodar todas as mudanças anunciadas pelas novas teorias textuais. [...] O desafio atual é descobrir todo o potencial do novo meio, para produzir edições ou, se preferir, “arquivos”, que transcendem as limitações inerentes do livro impresso [...]”.

acerca da vida do escritor e do contexto histórico da época e do lugar onde os textos foram produzidos e circularam. Somente num ambiente hipermediático é possível reunir todo esse conjunto de informações, ampliando as dimensões da atividade filológica. De acordo com Lucía Megías,

[...] los nuevos modelos de edición crítica hipertextual no han de conformarse con aumentar la cantidad y calidad de los materiales ofrecidos, sino también en la visualización abierta de los mismos y en la capacidad de relacionar entre sí la información; es decir, convertir la información estática en un dinámico hipertexto⁶ [...]. (Lucía Megías, 2010, p. 245)

Esse dinâmico hipertexto é propriamente uma hiperedição que permite utilizar novas ferramentas capazes de criar novos modelos de edição. De acordo com Richard Finneran (1996), as edições científicas demandam extensas pesquisas e reúnem documentos importantes que são omitidos nas versões impressas destinadas aos leitores, porque os custos da impressão de fac-símiles e imagens são muito altos. Nesse sentido, a Web surge como uma alternativa para a publicação e divulgação de edições científicas, pela sua ampla capacidade de difusão e o reduzido investimento financeiro dispensado ao projeto, comparando às edições impressas. Para Peter Shillingsburg,

Money (whether scarce or abundant) and technology (in more ways every year) affect editorial goals and even editorial principles. [...] not only are there legitimate differences in editorial goals based on differences in formal orientations and other theoretical concepts, but there are also practical differences in editorial goals that are imposed by economic influences⁷. (Shillingsburg, 2004, p. 123)

O termo hiperedição é o mais adequado para se definir a atual tendência das edições eletrônicas empreendidas pelos filólogos e as recentes aplicações das tecnologias digitais nos trabalhos de Crítica Textual. De acordo com McGann (1997, p. 44), “HyperEditing is what scholars will be doing for a long time.”⁸

Uma hiperedição é uma hiperídia que geralmente apresenta mais de um tipo de edição convencional integradas a documentos paratextuais em formatos diversos, organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor. Trata-se, portanto, de uma edição híbrida que apresenta novas potencialidades de leitura e análise dos textos.

Na hiperedição, o *layout*, o design e a lógica do funcionamento da interface giram em torno dos objetivos que se pretendem alcançar, dentre eles, o de apresentar os resultados de um ou vários estudos filológicos de modo interativo. Não se trata da constituição de um arquivo eletrônico de textos, imagens e outros materiais reunidos de modo aleatório, ou apenas a constituição de um hipertexto digital, utilizando textos alfanuméricos, substituindo as notas e os aparatos das edições convencionais por *links*, com pequenos blocos de textos e imagens. Uma hiperedição é uma hiperídia e o hipertexto é apenas um aspecto de sua constituição.

De acordo com McGann (1997, p. 43), os hipertextos tornam-se ideais para a constituição das hiperídiadas porque

[...] allow one to navigate through large masses of documents and to connect these documents, or parts of the documents, in complex ways. [...] They are called hypermedia programs when they have the power to include audile and/or visual documents in the system. [...] They can be distributed in self-contained forms [...] or they can be structured for transmission through the Network. In this last case, the basic hypertext structure is raised to a higher power [...].⁹

⁶ “[...] os novos modelos de edição crítica hipertextual não devem se conformar apenas com o aumento da quantidade e da qualidade dos materiais oferecidos, mas também com a visualização aberta dos mesmos e com a capacidade de relacionar entre si a informação; ou seja, converter a informação estática num dinâmico hipertexto”.

⁷ “Dinheiro (se escasso ou abundante) e tecnologia (renovada a cada ano) afetam objetivos editoriais e até mesmo princípios editoriais. [...] não só existem legítimas diferenças nos objetivos editoriais baseados nas diferenças de orientações formais e outros conceitos teóricos, mas também por influências econômicas”.

⁸ “Hiperedição é o que os estudiosos vão fazer durante muito tempo”.

⁹ “[...] permitem navegar através de grandes massas de documentos e conectam esses documentos, ou partes dos documentos, de forma complexa. [...] Eles são chamados de programas de hiperídia quando têm o poder de incluir documentos áudio

Nas hipereedições não precisam, necessariamente, estar presentes todos os tipos de mídias e de edição simultaneamente (McGann, 1997). Mas é preciso manter uma articulação dinâmica entres as mídias, o *layout*, o *design* e as interfaces. O editor responsável por levar a cabo a execução de um projeto de hipereedição precisa avaliar com bastante critério a necessidade de se inserir cada *link* no texto para preservar a sua integridade estrutural. A informática oferece a possibilidade de se constituir barras de *menus* ao lado do texto e diferentes níveis de leitura. É imprescindível que, dentre as possibilidades de leitura oferecidas numa hipereedição, o leitor tenha acesso a uma versão do texto o mais próximo possível do modo como ele existiu materialmente.

Os textos animados, sem *hyperlinks* no seu interior, podem integrar uma hipermídia. O *layout* e a dinâmica das interfaces integrados aos recursos da informática permitem a construção de uma hipermídia. Segundo Landow (2009, p. 126), “[...] los componentes visuales esenciales de todo texto encuentran quizás su realización más completa en la forma del texto animado: el texto que se mueve, incluso danza, en la pantalla del ordenador [...]”.¹⁰ As aplicações de recursos informáticos às edições científicas criam novas possibilidades de entendimento dos textos. A utilização de imagens sobrepostas, a ampliação dos fac-símiles, a visualização simultânea de manuscritos e suas transcrições, revitalizam o trabalho filológico, tornando-o mais dinâmico, visualmente atrativo e tecnicamente eficiente. Segundo McGann (1997, p. 45):

Unlike in traditional editions, “hyper” editions need not organize their texts in relation to a central document, or some ideal reconstruction generated from different documents. An edition is “hyper” exactly because its structure is such that it seeks to preserve the authority of all the units that comprise its documentary arrays¹¹.

Os modelos de hipereedições podem oferecer interfaces com diferentes níveis de leitura e consulta, através de *menus* variados, em que os documentos são programados para visualização simultânea e interativa, favorecendo o acesso, de acordo com os interesses e necessidades dos usuários. Dentre as inúmeras vantagens das hipereedições, destaca-se a possibilidade de se apresentar os dossiês dos textos editados, compostos de documentos diversos reunidos pelo filólogo, no curso de sua pesquisa, e que ele escolhe para apresentar na edição, mediante critérios de seleção justificáveis.

Através de uma edição interativa, podem-se apresentar os esboços, as pesquisas para a escrita do texto, cartas, fotografias, anotações marginais e outros tipos de documentos que podem enriquecer a leitura do texto. Além do dossiê genético, comumente estudado pelos críticos geneticistas, o filólogo que trabalha com documentos de acervos de escritores depara-se com diversos materiais que não se relacionam diretamente com a gênese da obra, mas são de fundamental importância para a compreensão do texto. Esse conjunto de documentos é propriamente um dossiê arquivístico e corresponde à documentação paratextual identificada num determinado acervo e que mantém relações com o texto editado.

O dossiê arquivístico na hipereedição dos panfletos de Eulálio Motta

Os únicos exemplares dos acervos de Eulálio Motta de que se tem notícia estão preservados no acervo do escritor. Tratam-se, portanto, não apenas de textos, mas de artefatos raros e por isso é necessário preservá-los para a posteridade. Editá-los, certamente, é uma forma de cumprir esse objetivo. Esses panfletos estão integrados a uma rede de documentos do acervo do escritor, sem os quais seus sentidos ficam prejudicados. Além disso, eles se relacionam a acontecimentos históricos ligados ao cotidiano e revelam o modo como a cultura escrita esteve presente em Mundo Novo, durante parte do século XX.

e/ou visual no sistema. [...] Eles podem ser distribuídos em diferentes formatos [...] ou podem ser estruturadas para transmissão através da rede. Neste último caso, a estrutura de base de hipertexto é elevada a uma potência mais ampla [...]”.

¹⁰ “[...] os componentes visuais essenciais de todo texto encontram talvez sua realização mais completa na forma do texto animado: o texto que se move, inclusive dança, na tela do computador [...]”.

¹¹ “Ao contrário de edições tradicionais, “hiper”, edições não precisam organizar seus textos em relação a um documento central, ou alguma reconstrução ideal gerada a partir de documentos diferentes. Uma edição é “hiper” exatamente porque sua estrutura é tal que busca preservar a autoridade de todas as unidades que compõem o conjunto documental”.

Pelo seu caráter histórico e suas relações com o acervo do escritor, o ideal é editá-los de uma forma que preserve os códigos bibliográficos, linguísticos e contextuais, estabelecendo conexões com os documentos do acervo. Isso exige um verdadeiro escrutínio da documentação e uma leitura atenta dos panfletos. De imediato, observa-se que esses textos tratam de temáticas variadas e estão relacionados direta ou indiretamente a diversos acontecimentos. Surge, então, a necessidade de se organizar dossiês arquivísticos, com o objetivo de selecionar a documentação paratextual e prototextual relevante para o entendimento de cada panfleto. O dossiê arquivístico corresponde a um conjunto de documentos escolhidos pelo pesquisador em função de algum estudo específico.

No dossiê arquivístico dos panfletos de Eulálio incluem-se:

- a) documentos da gênese dos textos: esboços, anotações, rascunhos, versões, notas marginais etc.; e
- b) paratextos diversos: cartas, fotografias, textos do autor que tratam da temática abordada no panfleto, jornais, diários, manuscritos, datiloscritos e até mesmo outros panfletos do autor ou de terceiros.

O dossiê arquivístico não inclui a totalidade dos documentos relacionados ao panfleto, ele corresponde a uma escolha feita pelo editor em função da edição. Naturalmente, não se pode incluir tudo numa edição, além disso, existem certos limites jurídicos e éticos que se impõem à divulgação de documentos de acervos pessoais. Por isso, o dossiê arquivístico corresponde a materiais de natureza diversa, escolhidos pelo editor, para enriquecer a leitura dos textos editados.

A partir da página principal do site da Hiperedição dos Panfletos de Eulálio Motta, o usuário acessa a edição de cada panfleto:

Figura 1: Página principal do site da Hiperedição dos Panfletos de Eulálio Motta



- 1) Índice dinâmico onde se pode acessar as edições de cada panfleto. Os textos estão organizados em ordem cronológica. Basta posicionar o cursor na linha do tempo que os textos movimentam-se numa ordem crescente (1949 até 1988).
- 2) Nesse campo também podem ser acessadas as edições dos textos. Aqui aparecem organizados por temáticas.

Fonte: Elaboração própria, 2014.

Ao acessar a edição do panfleto, o fac-símile do impresso será visualizado no centro da página (Figura 2, nota 1), essa imagem pode ser ampliada com recursos de zoom (Figura 2, nota 2).

Figura 2: Página principal da edição do Panfleto *O que importa*



- 1) Fac-símile do panfleto.
- 2) Botão de Zoom.
- 3) Botões dos diferentes tipos de edição.
- 4) Botão para impressão em pdf de uma edição linear do texto.
- 5) Botão da descrição física do panfleto.
- 6) Acesso ao dossiê arquivístico.
- 7) Acesso a informações históricas.
- 8) Item do dossiê arquivístico.
- 9) Barra de acesso aos itens do dossiê arquivístico.

Fonte: *Elaboração própria*, 2014.

Na barra lateral da direita, há uma barra com botões para acessar os três tipos de edições disponíveis (transição sobre a imagem, transcrição linear e transcrição com links), um botão com a opção de imprimir a edição linear do texto em pdf e um botão com a descrição física do fac-símile (Figura 2, notas 3, 4 e 5).

Na barra lateral da esquerda, está disponível o Dossiê Arquivístico (Figura 2, nota 6); formações históricas (Figura 2, nota 7) e, em alguns casos, a edição crítica. Ao clicar em Dossiê Arquivístico, aparecem todos os itens que também podem ser acessados com um click (Figura 2, nota 8). De acordo com a quantidade de itens, será necessário rolar a barra lateral (Figura 2, nota 9).

Para cada item do dossiê arquivístico acessado, o usuário visualizará o fac-símile do documento e, no caso dos textos, serão disponibilizadas as edições e a versão para imprimir. Em todos os itens, apresentam-se informações por meio de uma caixa de texto.

Figura 3: Carta para o Cardeal Don Augusto Álvaro da Silva



Fonte: *Elaboração própria*, 2014.

O panfleto *O que importa*

No panfleto *O que importa*, Eulálio Motta faz uma crítica severa ao espiritismo kardecista, fundamentando-se na *Bíblia*, no *Livro dos Espíritos* e no livro *O que é o espiritismo* do padre Álvaro Negromonte. O texto tem claras intenções doutrinárias e apresenta um tom combativo. Dirige-se aos leitores e tenta convencê-los de que a reencarnação não é sinônimo de ressurreição e que Jesus Cristo não pregou a reencarnação.

A título de ilustração apresenta-se o dossiê arquivístico do panfleto *O que importa*, publicado em novembro de 1949. Foram identificados, no acervo do escritor, dezoito documentos que se relacionam com esse panfleto: seis poesias, duas reportagens de jornais, seis cartas, um livro da biblioteca de Eulálio Motta com anotações marginais, um folheto, um panfleto de terceiros e um panfleto relacionado.

POESIAS

Perdão (*Farmácia São José*, f. 7r°).

Conversão (manuscrito no caderno *Canções do meu caminho* 3. ed. (f. 23r°).

Soneto (*Ilusões que passaram...*, p. 30)

Prece (caderno *Farmácia São José* f. 2r°).

Conselho (caderno *Luzes do crepúsculo* f. 21r°).

O convite (caderno *Luzes do crepúsculo* f. 16r°).

JORNAL

Jornal Mundo Novo: Baixo espiritismo (25 de dez. de 1931, p. 6).

Jornal O Lيدador: Declaração oportuna (17 de mar. De 1942, p. 4).

CARTAS

Para Eudaldo Lima

Fragmento da carta 1 (*Farmácia São José*, f. 24v°)

Carta 2 (*Farmácia São José*, f. 45r°)

Carta 3 (*Farmácia São José*, f. 52v°)

Para o Cardel Dom Augusto Álvaro da Silva (*Farmácia São José*, f. 60v°)

Para o Reverendíssimo Padre D. Francisco Leite (*Farmácia São José*, f. 59r°)

LIVRO DA BIBLIOTECA DO ESCRITOR

LIMA, Alceu Amoroso. *Pela ação católica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Anchieta, 1935.

FOLHETO

Evocações / Eureka

PANFLETO DE TERCEIRO

Ceguei.

PANFLETO RELACIONADO

Natal

Na ocasião em que Eulálio Motta publicou o panfleto, ele participava do movimento da Ação Católica e empreendia sistemática campanha de evangelização na região de Mundo Novo, difundindo suas ideias através da publicação de panfletos.

As questões religiosas inquietaram Eulálio Motta desde a juventude. Quando ele chegou a Salvador, em 1926, filiou-se ao partido comunista e publicou textos, no jornal *Mundo Novo*, posicionando-se como materialista e ateu. A partir de 1933, quando aderiu à Ação Integralista Brasileira, ele começou a pesquisar diversas religiões e em 1940 converteu-se ao catolicismo. Esse acontecimento foi relatado no folheto *Evocações / Eureka* e em diversas poesias.

O Congresso Eucarístico da Bahia em 1932, foi uma chuva sobre a fogueira do meu entusiasmo materialista. Aquele “senhor do Universo” sentiu-se esmagado, envergonhado, pulverizado. Depois do Congresso, todavia, fiquei teimando em não ser católico. Caí no indiferentismo. Depois fui procurar Cristo em Lutero, Alan Kardec. Nada com Padres. Carola é que eu não seria. Isto não! Nunca, nunca, nunca! Li muito. Pensei muito. Sofri muito. No dia 1º de Outubro de 1940, dobrei os joelhos diante de um confessorário. No dia seguinte fiz a minha primeira comunhão. Com mais de 33 anos de idade (Motta, 1942, p. 5).

Os rascunhos de cartas dirigidas a Eudaldo Lima, ao cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva e ao padre Dom Francisco Leite, preservados nos cadernos do acervo, são de fundamental importância para compreender esse panfleto. Segue exemplo de uma carta destinada ao Arcebispo Primaz do Brasil, o Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva:

[...] Retornando ao Catolicismo, que abandonara na juventude, comprometi-me com o meu confessor, o Reverendíssimo Padre Joaquim, Redentorista de escrever um livro de reparação às ofensas que cometi contra Deus e a Igreja na minha fase de ateísmo. Na intenção de satisfazer este compromisso, venho escrevendo diversas crônicas católicas e publicando-as em folhetins. O folhetim anexo é o sexto que publiquei. Precisamente este é que está sendo motivo de tanta aflição para uma esposa convalescente de 90 dias moléstia grave, cinco filhos, mãe, irmãos e irmãs [...] (Motta, EA2.5.CV1.05.001, s.d., f.62º, L 10-23).

Eudaldo Lima era pastor protestante da Igreja Presbiteriana e na infância morou na casa dos pais de Eulálio Motta. A amizade entre os dois era antiga e nutrida por fortes laços. Mas, no início da década de 1940, eles tiveram um confronto ideológico que passou à esfera pública, através de cartas abertas publicadas em jornais. Nessas missivas, Eulálio Motta expõe o seu pensamento acerca da religião católica e os motivos da ação combativa que empreende contra outras religiões.

O livro *Pela ação católica* é o primeiro volume da Coleção *Biblioteca da Ação Católica* e traz os fundamentos do movimento liderado por Tristão de Athayde. O argumento utilizado por Eulálio Motta para defender a Igreja Católica como a única igreja verdadeiramente cristã fundamenta-se nas ideias da Ação Católica. As notas marginais e as marcas de leitura deixadas por Eulálio Motta no livro atestam a sua filiação ao movimento católico.

Conclusões

A pesquisa confirmou a hipótese de que a documentação paratextual e prototextual presente no acervo do escritor seria indispensável à edição dos panfletos de Eulálio Motta e que a hiperedição possibilitaria relacionar o texto editado aos documentos do acervo de modo dinâmico e interativo.

Acredita-se que a metodologia utilizada para a elaboração do dossiê arquivístico dos panfletos possibilitam o acesso a informações que não são apresentadas em edições tradicionais. Os documentos do dossiê arquivístico permitem aos usuários da Hiperedição visualizar o processo de escrita de Eulálio Motta e a circulação de suas ideias através dos seus textos e demais documentos do acervo.

REFERÊNCIAS

- Artières, P. (1998). Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, 11(21), pp. 9-34.
- Barreiros, P. N. (2012). *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS Editora.
- Bordini, M. da G. (2001). Memória literária e novas tecnologias. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, 7(2).
- (2009). Os acervos de escritores sulinos e a memória literária. *Patrimônio e Memória*, 4(2), pp. 43-62.
- Burke, P. (Org.). (1992). *A escrita da História: novas perspectivas* (trad. Magda Lopes). São Paulo: UNESP.
- Calil, G. G. (2001). *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Finneran, R. J. (Org.). (1996). *The literary text in the digital age*. Estados Unidos: University of Michigan.
- Fraiz, P. 1998. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, 11(21), pp. 59-87.
- Gomes, A. de C. (Org.). (2004). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV.
- Heymann, L. Q. (2005, agosto). De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”. Trabalho apresentado no I Seminário PRONEX. Direitos e Cidadania CPDOC/FGV. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/Producao_intelectual/html/tp_download.htm. Acesso em: 03 jan. 2011.
- Landow, G. P. (2009). *Hipertexto 3.0, teoria crítica y nuevos médios en la era de la globalización* (trad. Antonio José Antón Fernández). Barcelona: Paidós Ibérica.
- Lucía Megías, J. M. 2010. Reflexiones en torno a las plataformas de edición digital: el ejemplo de la Celestina. Em D. Poalini (Coord.), *De ninguna cosa es alegre posesión sin compañía, estudios celestinescos y medievales en honor del profesor Joseph Thomas Snow*. Tomo I (pp. 226-251). New York: Seminário Hispânico de Estudios Medievales.
- McGann, J. (1997). The rationale of hypertext. Em K. Sutherland, *Electronic text, investigations in method and theory* (pp. 19-46). Oxford: Clarendon Press.
- Motta, E. de M. (1942). *Evocações, Eureka*. Mundo Novo: Avante.
- (1949). *Natal* (Panfleto).
- (1949). *O que importa* (Panfleto).
- EA2.5.CV1.05.001. *Caderno diário de um João Ninguém II*.
- Shillingsburg, P. L. (2004). *Scholarly editing in the computer age: theory and practice*. Michigan: University Michigan.
- Zilberman, R. (2009). Autores entre o testemunho e o arquivo. *Patrimônio e Memória*, 4(2), pp. 82-107.

SOBRE O AUTOR

Patrício Nunes Barreiros: Doutorado em Letras e Linguística, Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, professor de Literatura Hispanoamericana e Filologia Românica. Desenvolve pesquisa na área de Crítica Textual, História da Cultura Escrita e Humanidades Digitais.

